

LEVANTAMENTO PRELIMINAR DE AVES DE RAPINA DIURNAS (FALCONIFORMES E CATHARTIFORMES) EM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA DO MUNICÍPIO DE BRASÓPOLIS, MINAS GERAIS.

Rafael Albo de Oliveira⁽¹⁾; Flávio de Vasconcelos Camargo⁽²⁾ Antônio Eduardo Krepp Serrano Filho⁽³⁾

¹ Estudante, pesquisador; Laboratório de Zoologia e Anatomia Animal; Centro Universitário de Itajubá – FEPI; rafael-albo@hotmail.com.

² Professor, pesquisador; Laboratório de Zoologia e Anatomia Animal; Centro Universitário de Itajubá – FEPI; flaviobiol@yahoo.com.br.

³ Estudante, pesquisador; Laboratório de Zoologia e Anatomia Animal; Centro Universitário de Itajubá – FEPI; antoniobio89@gmail.com.

RESUMO

Apesar de sua situação altamente fragmentada, a Mata Atlântica sustenta uma rica variedade de aves de rapina, com 70 registros até o momento. Os rapinantes são um grupo de aves predadoras topo de cadeia trófica altamente especializadas. O grupo é composto por três ordens, os Falconiformes (águias, gaviões e falcões), os Cathartiformes (urubus) e os Strigiformes (corujas). São importantes bioindicadores ambientais devido a sua sensibilidade em alterações ambientais. O presente estudo visa caracterizar as aves de rapina diurnas, quanto a sua riqueza em um fragmento de Mata Atlântica com 380 ha localizado no limite dos municípios de Brasópolis e Piranguçu. Até o momento, foram registradas 9 espécies de rapinantes, sendo 4 deles pertencentes a família dos accipitrídeos (gaviões), 3 falconídeos (falcões) e 2 cathartídeos (urubus). Estudos pontuais auxiliam no aumento de conhecimento científico, fornecendo dados sobre as relações ecológicas do grupo com o ambiente.

Palavras-chave: avifauna, rapinante, riqueza.

INTRODUÇÃO

Segundo o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO 2015), podem ser encontradas seis espécies da ordem Cathartiformes (urubus), 68 espécies de Falconiformes (águias, gaviões e falcões) e 23 espécies da ordem dos Strigiformes (corujas). Conhecidas como aves de rapina, possuem valor inestimável aos ecossistemas, pois são predadores de níveis tróficos superiores nas redes tróficas das comunidades bióticas (THIOLLAY, 1994). Isso exalta sua importância ecológica, pois sendo sensíveis a perturbações antrópicas, recebem o status de bioindicadores ambientais (NEWTON, 1999; BILDSTEIN, 2001).

Aproximadamente 45% das espécies de accipitriformes estão diretamente ligadas às florestas tropicais (LOURES-RIBEIRO et al. 2002). Para a região leste e sudeste de SP, sul de MG, sul do ES e Rio de Janeiro, são registradas 70 espécies de rapinantes inseridos no bioma da Mata Atlântica (AVES DE RAPINA DO BRASIL, 2015). Hoje, grande parte dos remanescentes, representado por

apenas 7% de sua cobertura original, é composta por florestas secundárias em diferentes graus de regeneração (VIANA e TABANEZ, 1996). A capacidade desses fragmentos isolados em manter a biota regional é de grande interesse na biologia da conservação (WARBUNTON, 1997 apud GIMENES e ANJOS, 2003), e de acordo com Faria et al. (2006), o primeiro passo para que o processo de extinção e colonização seja melhor entendido, é realizar o levantamento das espécies residentes nestes fragmentos.

No Brasil, são escassos os estudos que abordam o grupo. Isso pode ser evidenciado pelas baixas densidades populacionais, encontros ocasionais e falta de pesquisadores dedicados ao grupo. Portanto, diversos aspectos da história natural dos rapinantes continuam ainda obscuros (OLMOS et al. 2006).

Dentro deste contexto, vem sendo caracterizada a riqueza de rapinantes em um fragmento de Mata Atlântica localizado nos limites do município de Brasópolis e Piranguçu no sul de Minas Gerais.

MATERIAL E MÉTODOS

O Pico dos Dias está inserido nos limites do município de Brasópolis e Piranguçu, no sul de Minas Gerais, nas coordenadas (22° 32' 04"S e 45° 34' 57" O). O seu ponto culminante atinge cerca de 1860 m acima do nível do mar, e a 900 metros do nível médio da região.

O fragmento de Mata Atlântica pertence ao Laboratório Nacional de Astrofísica (LNA) compreendendo 380 ha de Mata Atlântica Ombrófila Mista. A área onde está inserido o fragmento, segundo Drummond et al. (2005) é considerada prioritária para a conservação da biodiversidade, definido como "importância especial" no estado de Minas Gerais, fazendo parte da APA Fernão Dias.

Neste fragmento, uma estrada de 5 km de extensão dá acesso às instalações do Observatório do Pico dos Dias, localizado no ponto culminante do fragmento.

As amostragens ocorreram entre os meses de Abril de 2014 até o momento. As amostragens ocorrem mensalmente, contemplando as primeiras horas da manhã, início de tarde e crepúsculo, segundo Efe (1999) como os melhores horários para observações.

Foi utilizado o método de transeção para uma amostragem completa do local, e segundo Rudran et al. (1996) é a mais apropriada para levantamentos realizados a pé ou por veículos. Consiste em percorrer, em velocidade constante, um trajeto pré-definido, no qual o observador registra as espécies detectadas, visível ou sonoramente, nos dois lados da trilha. (GREGORY et al., 2004; BIBBY et al. 1998). Após o reconhecimento, o método ponto fixo foi empregado, cada um recebendo um número para distinção (Figura 1). Para a maioria das aves de rapina o tempo em cada ponto variou de 30 minutos a até 4 horas, seguindo a proposta de Manosa et al. (2003) para rapinantes da Mata Atlântica.

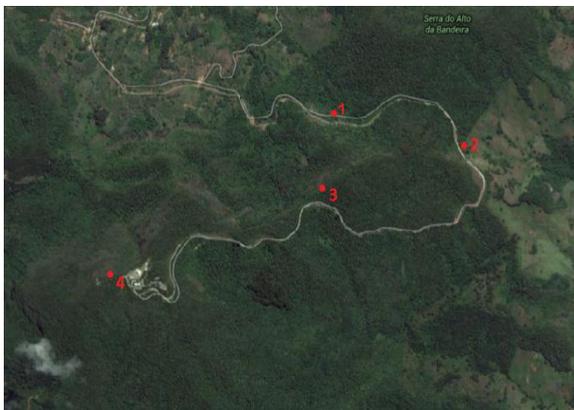


Figura 1: Ponto fixo delimitado para amostragem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, 9 espécies de aves de rapina foram registradas. Dessas, 45% são compostas pelos Accipitridae (gaviões), 33% pelos Falconidae (falcões), Cathartidae 22% (urubus), representados na figura 2.

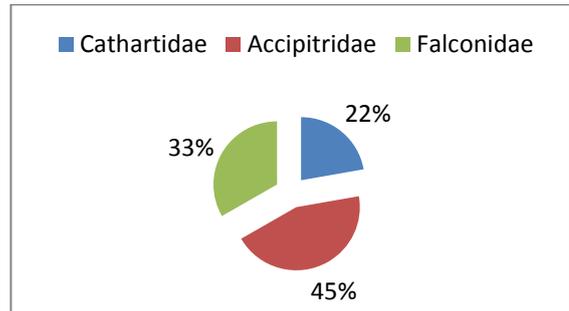


Figura 2: Percentual das famílias de rapinantes.

Devido a baixa densidade populacional de rapinantes (OLMOS et al. 2006), como consequência de vastos territórios, não foi considerada a análise de abundância para as espécies de rapinantes registradas no estudo.

Dentre os Accipitridae, a espécie *Elanoides forficatus* (gavião-tesoura), foi registrado em apenas uma ocasião, no dia 17 de Setembro de 2015. Isso se deve ao fato de a espécie possuir hábitos migratórios. No início da tarde, três espécimes foram avistados a partir do ponto 4, onde realizavam interações agonísticas nupciais.

Outro accipitrídeo que também realiza a estratégia de migração foi o *Ictinia plumbea* (sovi), porém com registros mais frequentes, entre os meses de Outubro a Dezembro, todos no período matinal. Bildstein (2006) afirma que a migração é comum a diversas espécies de rapinantes, movimento este realizado sazonalmente entre sua área de reprodução (breeding area) e sua área invernal (wintering area).

A espécie *Buteo brachyurus* (gavião-de-rabo-curto) foi visualizada diversas vezes nas proximidades do ponto 3 e ponto 4. Dois indivíduos no fim de tarde realizavam voos circulares através de correntes ascendentes de ar. Devido a sua constante presença, acredita-se que se trata de um casal e possivelmente adotaram a área como sítio reprodutivo. Portanto, faz-se necessário o acompanhamento dos exemplares para enriquecimento de informações acerca da espécie.

O pequeno gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*) é o rapinante mais abundante do país (SICK, 1999), possuindo uma ampla variedade de ambientes, desde áreas abertas até florestais (FERGUSSON-LESS, 2001). Devido a seus hábitos generalistas foi registrado em quase todas as campanhas realizadas em campos, tanto na estação seca quanto úmida.

A segunda ordem com mais representantes, os Falconiformes, até o momento seguem com três registros. O *Caracara plancus* e *Milvago chimachima* estiveram presentes durante todas as amostragens, pois são espécies mais comuns e tolerantes a lugares abertos (LOURES-RIBEIRO & ANJOS, 2006). Foi constatado que o *C. plancus* se reproduz no cume do Pico dos Dias, fato este, alertado por funcionários do local e observado pelo autor. No dia 30 de Abril de 2014, um indivíduo adulto e um imaturo foram registrados pousados no galho de uma *Araucaria angustifolia* (pinheiro-do-paraná) (Figura 3).



Figura 3: Adulto e filhote de *C. plancus* no galho de uma *Araucaria angustifolia*.

Um falcão floresta foi registrado no Ponto 1, dentro do fragmento de mata da Serra do Alto da Bandeira. O *Micrastur ruficollis* (falcão-caburé) foi identificado através de sua vocalização nas primeiras horas da manhã no mês de Abril e Maio de 2015. Segundo del Hoyo et al. (1994), é o falconídeo florestal neotropical mais comum, com ampla distribuição geográfica na América do Sul. Por ser um rapinante conspícuo, o gênero *Micrastur* estão entre os rapinantes com maior carência de estudos (THORSTROM et al. 1990).

Cathartiformes, a ordem que compõe os urubus do Novo Mundo, no presente estudo é representada por duas espécies da família Cathartidae. Segundo Sick (2001), sendo consumidores de carne em decomposição desempenham um importante papel saneador, eliminando matérias orgânicas em decomposição. O urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*) e o urubu-caçador (*Cathartes aura*) foram avistados em todas as campanhas realizadas. Realizando voos circulares a grande altitude utilizando-se das correntes termiais.

CONCLUSÕES

Por se tratar de um estudo em andamento, os resultados ainda não são conclusivos. Entretanto, a área vem mostrando condições necessárias para a

ocorrência de uma riqueza considerável de rapinantes diurnos.

Estudos pontuais são importantes para auxiliar no aumento do conhecimento científico, fornecendo dados sobre as relações ecológicas destas com o ambiente.

A região ao entorno se encontra bastante alterada, grande parte por plantações de bananas e eucaliptos. Enquanto que alguns rapinantes sinantrópicos como o *Rupornis magnirostris*, *Milvago chimachima* e *Caracara plancus* passam a se beneficiar disso, outros de hábitos florestais são diretamente prejudicados, como ocorre com o gênero *Micrastur* spp.

Portanto, faz-se necessário a continuação deste estudo, monitorando as espécies residentes e as migratórias a fim de buscar formas para sua preservação e agregar informações sobre este grupo ainda pouco explorado.

REFERÊNCIAS

BIBBY, C. J.; BURGESS, N. D.; HILL D. A. & MUSTOE, S. M. 2005. **Bird Census Techniques**. 2. Ed. Elsevier Academic Press, San Diego.

BILSTEIN, K. L. 2001. Why migratory birds of prey make great biological indicators. P. 146-160. In: Bildstein, K. L & Klem, Jr. D. (Eds.). **Hawkwatching in the Americas**, HMANA, North Wales, PA, USA.

LOURES-RIBEIRO, A.; ANJOS, L. 2002. **Riqueza e distribuição dos Falconiformes na planície de inundação do Alto rio Paraná**, v. 1, Brasil. In: II Workshop - PELD - A planície alagável do Alto rio Paraná, 2002, Maringá - Paraná. Anais. Maringá: Eduem.

CBRO – Comitê Brasileiro de Registros **Ornitológicos 2015. Listas das aves do Brasil. Versão 13 / 3 / 2015**. Disponível em <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em 04/Ago/2015.

MANOSA, S.; MATEOS, E. & PEDROCCHI, V. 2003. Abundance of soaring raptors in the Brazilian Atlantic rainforest. **J. Raptor Research**, 37(1):19-30.